

Os pavilhões expositivos do Instituto Inhotim (Brumadinho/MG, Brasil): o projeto da Galeria Adriana Varejão

*The exhibition pavilions of Instituto Inhotim (Brumadinho/MG, Brasil): Galeria
Adriana Varejão architectural design*

*Los pabellones de exposición del Instituto Inhotim (Brumadinho / MG, Brasil):
proyecto de la Galería Adriana Varejão*

RIBEIRO, Isaiás da Silva;

Mestre, PPGAU-UFRN, isaias_ribeiro@uol.com.br

RESUMO

Este artigo trata de um tema que coloca em rota de encontro, arte e arquitetura. Duas disciplinas que caminham lado a lado na história, conjugando parcerias e colaborações através de dois profissionais, o arquiteto e o artista. O enfoque de nossa análise se volta para a arquitetura da Galeria Adriana Varejão (2008), um dos pavilhões expositivos do Instituto Inhotim (Brumadinho/MG, Brasil, 2006), projeto do arquiteto Rodrigo Cerviño Lopes. Considerando que neste museu uma das principais características é a solução museográfica na qual as obras de arte são expostas em pavilhões dispersos na paisagem, propõe-se a análise do projeto do pavilhão dedicado à obra de Adriana Varejão, tendo como base o discurso do autor do projeto, e a relação da obra de arte com a edificação construída. A análise do projeto revelou a coerência entre o discurso do arquiteto e o produto final realizado, clareza entre a concepção inicial proposta e a edificação construída e que o efetivo diálogo entre arquiteto e artista, contribuiu e consolidou as estratégias elaboradas durante a fase inicial do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE : projeto de arquitetura, arte, inhotim.

ABSTRACT (100 to 250 words)

This article focuses on a theme that puts side-by-side, art and architecture. Two disciplines that go hand in hand in history, linking two professional in partnerships and collaborations, the architect and the artist. The focus of our analysis turns to the architecture of the Gallery Adriana Varejão(2008), one of the exhibition pavillions of the Inhotim Institute (Brumadinho / MG, Brazil, 2006), architect Rodrigo Cerviño Lopes is the author of the architectural design. In this museum one of the main features is the museographic solution in which works of art are exhibited in pavilions scattered in the landscape, it is proposed the analysis of the project dedicated to the works of Adriana Varejão, based on the speech of the project author and the relationship of the artwork with the building. The pavilion project analysis revealed consistency between the architect of the speech and the final product realized, clarity between the initial proposal design and the built building and effective dialogue between architect and artist, helped and consolidated the strategies developed during the initial phase of the work.

KEY-WORDS : architectural design, art, inhotim.

RESUMEN

Este artículo se ocupa de un tema que pone en ruta contra, el arte y la arquitectura. Dos disciplinas que van de la mano en la historia, por la combinación de asociaciones y colaboraciones profesionales, el arquitecto y el artista. El foco de nuestra análisis se convierte en la arquitectura de la Galería Adriana Varejão (2008), un de los pabellones de exposiciones del Instituto Inhotim (Brumadinho / MG, Brasil, 2006), , Rodrigo Cerviño Lopes es el arquitecto autor del proyecto. Mientras que en este museo una de las principales características es la solución museográfica en que las obras de arte se exhiben en los pabellones dispersos en el paisaje, se propone el análisis del proyecto dedicado a las obras de Adriana Varejão, basado en el discurso del autor del proyecto y la relación de la obra con el edificio construido. El análisis del proyecto del pabellón revela la coherencia entre el fala del arquitecto y el producto final, la claridad entre el diseño de la propuesta inicial y el edificio construido y diálogo efectivo entre el arquitecto y artista, ayudó y consolidó las estrategias desarrolladas durante la fase inicial del trabajo.

PALABRAS-CLAVE: proyecto, arte, inhotim.

1 INTRODUÇÃO

Arquitetura e arte, são duas disciplinas que caminham lado a lado na história, conjugando parcerias e colaborações por meio do trabalho dois profissionais, o arquiteto e o artista. O tema é abordado, nesse trabalho colocando as duas áreas de trabalho em rota de encontro por meio análise o projeto de arquitetura da Galeria Adriana Varejão (2008), projeto do arquiteto Rodrigo Cerviño Lopes, um dos pavilhões expositivos do Instituto Inhotim (Brumadinho/MG, Brasil, 2006). Considerando que neste museu uma das principais características é a solução museográfica na qual as obras de arte são expostas em pavilhões dispersos na paisagem, propõe-se verifica como se deu o processo de projeto do pavilhão dedicada à obra da artista Adriana Varejão, tendo como base o discurso do autor do projeto, e a relação da obra de arte com a edificação construída.

O pavilhão de exposição, da maneira como o interpretamos atualmente, apresenta-se como produto de referências diversas na história da arquitetura. Trata-se de um artefato arquitetônico que inaugurou um novo espaço para exposições, temporário de nascimento, no século XIX para depois, no século XX, assumir funções de caráter permanente. Temporário ou permanente, o pavilhão garantiu seu lugar na história por meio da criação de projetos de importantes arquitetos que experimentaram a concepção da arquitetura pavilionar. Na história da arquitetura, o ano de 1851, marca, na cidade de Londres, Inglaterra, a abertura da primeira Exposição Universal que apresentaria para o mundo o Palácio de Cristal, o famoso pavilhão, obra do engenheiro Joseph Paxton (1803 -1865). No século XX, as exposições mundiais se tornariam grandes espetáculos de arquitetura por meio de seus pavilhões. Na iconografia da arquitetura moderna foram registrados exemplares memoráveis de pavilhões expositivos que cumpriram sua função e foram desmontados restando apenas pistas de sua existência que servem para a investigação e pesquisa de estudiosos. Fonte de experimento de nomes luminares do da arquitetura do XX, podemos citar os arquitetos Mies van der Rohe, Le Corbusier, Oscar Niemeyer, como profissionais que criaram obras pavilionares. O pavilhão como arquitetura

efêmera é retomada a partir do ano 2000 nas propostas feitas por famosos arquitetos pela Serpentine Gallery, de Londres, Inglaterra. Dentre os vários nomes que já instalaram seus pavilhões nos jardins desta galeria de arte, destacamos arquitetos Rem Koolhaas, Oscar Niemeyer, Frank Gehry, Siza Vieira e Zaha Hadid.

No Brasil, os pavilhões expositivos do conjunto arquitetônico do Parque do Ibirapuera, projetado por Oscar Niemeyer entre 1951 e 1955, nos parecem como modelos diferenciais do conceito tradicional do pavilhão expositivo, pois foram concebidos como edificações de caráter permanente e não como arquitetura temporária ou efêmera, como alguns autores também a denominam.

Na atualidade, O Instituto Inhotim (Brumadinho, MG) aberto ao público em 2006, abriga um museu de características peculiares no panorama da museologia brasileira e nos parece que também no âmbito internacional. Assim, nesta instituição, está sendo criada uma nova proposta de arquitetura museológica para a exposição de obras de arte contemporânea: a concepção de espaços expositivos (pavilhões ou “galerias”) que foram produzidos, exclusivamente, para abrigar obras de artes visuais encomendadas para se integrarem ao acervo permanente do instituto. O Inhotim expõe para o público um dos mais importantes acervos particulares de arte contemporânea do Brasil. A coleção reúne cerca de 450 obras de artistas brasileiros (como Cildo Meireles, Adriana Varejão, Miguel Rio Branco, Antônio Mourão (Tunga) e Vik Muniz) e estrangeiros (por exemplo: Matthew Barney, Paul McCarthy, Doris Salcedo, Dan Graham, Albert Oehlen, Olafur Eliasson e Zhang Huan). Nomes importantes nomes da arte atual, todos os artistas presentes no Inhotim trabalham com a produção de arte contemporânea. A proposta museográfica observada no Inhotim contempla as obras que são expostas ao ar livre ou em dois tipos de espaços fechados, a saber: as chamadas “galerias” de exposição temporária e as “galerias” de exposição permanente (mas que, de fato, consideramos como pavilhões no âmbito deste trabalho). (www.inhotim.org.br)ⁱ. As “galerias”ⁱⁱ temporárias são atualmente quatro: Fonte, Lago, Mata, Praça. Estes espaços recebem diversos tipos de mostras (de longa duração, em torno de dois anos) que adaptam à montagem expositiva aos trabalhos artísticos, isto é, algumas das obras de arte expostas nestas galerias (pinturas, esculturas, instalações e fotografias) apresentam características formais possíveis de serem exibidas em diversos tipos de espaços expositivos, ou seja, poderiam ter sido “montadas” em galerias de arte de caráter generalista - espaços expositivos nos quais as obras de arte se adaptam ao local de exposição. As “galerias” de exposição permanente (dezessete no total, em 2015) mostram trabalhos de um único artista e foram construídas especialmente para abrigá-los. São elas: True Rouge (do artista Tunga), Cosmococa (Hélio Oiticica e Neville de Almeida), Cildo Meireles, Adriana Varejão, Doris Salcedo, Miguel Rio Branco, Matthew Barney, Doug Atken, Cristina Iglesias, Valeska Soares,

Lygia Pape, Psicoativa (Tunga) e o Palm Pavilion. Ainda constam construções que foram adaptadas: Carlos Garaicoa, Rivane Neuenschvander, o Galpão Cardiff & Miller e a Galeria Marcenaria. Alguns destes pavilhões expositivos apresentam obras que foram especialmente criadas para o Inhotim, instalaçõesⁱⁱⁱ permanentes e outras obras pensadas dentro do conceito de *site-specific*^{iv}.

As vistas técnicas (a partir de 2009), aliadas à pesquisa bibliográfica, permitiram a elaboração um roteiro para observação sistemática, no qual foram anotadas as características formais do pavilhão e o conteúdo neles exibidos, as obras de arte contemporânea, para posterior análise. Neste roteiro foram registrados o tipo de obra, dimensões, instalação no ambiente expositivo assim como aspectos específicos dos trabalhos artísticos.

Neste contexto específico, questiona-se: Como se deu o processo de projeto da Galeria Adriana varejão? Em que medida a arquitetura se relaciona com as obras de arte que expõe? São duas questões principais que procuramos discutir neste artigo, a partir do caso estudado. Para este intento, à luz dos conceitos aqui brevemente apresentados, apresentamos i o projeto de arquitetura da Galeria Adriana Varejão; em seguida, as observações feitas *in loco*, para poder, em seguida compará-los e concluir à luz das questões e dos conceitos abordados.

2 O PROJETO DE ARQUITETURA DA GALERIA ADRIANA VAREJÃO

No Inhotim, os pavilhões de Tunga (True Rouge) e Cildo Meireles foram os pioneiros dedicados a expor as obras de um único artista, projetos do arquiteto Paulo Orsini. Ao nosso ver, nestas edificações se deu a prevalência de criar uma relação com a paisagem natural do parque do que com as obras de arte nelas instaladas. Opção que nos parece mais bem-vinda para as galerias para exposições temporárias do que para os pavilhões projetados para um só artista.

Em 2008, O Instituto Inhotim abriu ao público, a Galeria Adriana Varejão, projeto do arquiteto paulista Rodrigo Cerviño Lopes, que expõe, de maneira permanente, um seleto conjunto de obras da artista contemporânea brasileira. O projeto foi iniciado em 2004, em terreno escolhido pelo fundador do Instituto Inhotim, empresário mineiro Bernardo Paz e a construção, de 558 m², foi terminada no ano de 2008 e neste mesmo ano aberta a público.

Podemos dizer que o pavilhão se destaca no conjunto das edificações do Inhotim. O volume prismático, pendurado na encosta do terreno recomposto, nos instiga a desvendar o seu conteúdo. Diferente do Galeria *True Rouge*, na qual a obra abrigada, que não é fechada por paredes ou vedações opacas, pois o vidro que encerra o contentor arquitetônico se abre para a paisagem e revela de uma só visada a totalidade da obra de arte, na Galeria Adriana Varejão, um grande cubo *brutalista*, guarda parte das obras de arte.

Na Galeria Adriana Varejão, podemos dizer que a relação arquitetura e arte foi tratada por meio do cuidadoso manejo das informações negociadas entre os profissionais envolvidos no processo projetual. Neste momento da história do Inhotim, observamos uma guinada na forma de pensar os novos pavilhões para exposição permanente. Desta maneira, os arquitetos passaram a encarar novas escolhas para as soluções dos seus projetos para o museu. Ainda pensando no conjunto das edificações do Inhotim LARA (2011) faz as seguintes colocações:

Uma arquitetura que às vezes funciona como simples abrigo e outras vezes ousa dialogar com a arte ali exposta, mas que sempre (ou quase sempre) ajuda a localizar essas obras no lugar onde estão. Uma arquitetura que permite que a arte aterrisse em Inhotim sem parecer que pode fugir a qualquer momento. Este é o seu maior desafio: abrigar a arte enquanto negocia sua relação com a paisagem, valorizando ambas. (LARA, 2011, p. 68)

Este desafio passa pelo conhecimento da obra do artista que vai exposta e também por incursões nos conceitos da arte contemporânea, uma pesquisa para dar apoio ao processo de projeto. Arquiteto e artista envolvidos com o objetivo de pensar na totalidade do conjunto edificação-obra de arte.

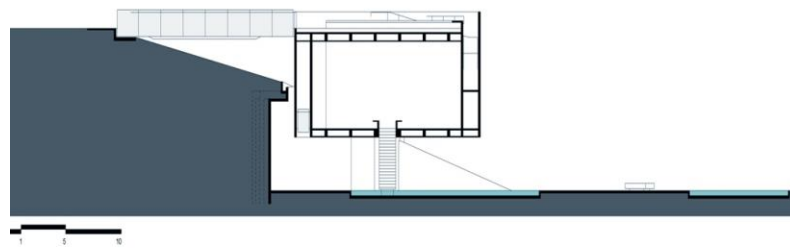
No caso Galeria Adriana Varejão, a primeira obra, *Panacea phantastica*, anuncia de maneira sutil, o tema dominante do conteúdo a ser desvendado: o azulejo. Porém podemos dizer que são “azulejos para um outro grau de consciência”, pois “ se na arquitetura moderna o papel do azulejo é de revestimento, de protetor da arquitetura, a galeria Varejão inverte essa relação, com o concreto protegendo a obra que se refere ao tradicional azulejo” (LARA, 2011). E observamos também, as diversas citações ao tema da azulejaria, tanto na fachada, como no interior da edificação, nos pisos, nas paredes e ainda arriscamos possibilidade de ver a *ausência* do azulejo, nas texturas de concreto que procuram representar as marcas do revestimento quando este é retirado do seu suporte, a parede.

Podemos dizer que na obra da artista carioca Adriana Varejão a arquitetura está presente através das referências ao período barroco no Brasil, e em especial nas igrejas de Minas Gerais. Uma realidade arquitetônica pintada e esculpida como se fossem paredes, azulejos, anjos, banheiros e saunas. A artista, internacionalmente conhecida, tem predileção pelas obras com grandes dimensões, dado que enfatiza e procura se integrar ao espaço arquitetônico e dele participar. A nossa opção, ao longo do texto, é mostrar as obras da artista que foram escolhidas, e produzidas para a exibição permanente no pavilhão.

Discurso do arquiteto e concepção projetual

Dando início à descrição da criação da Galeria, segundo as palavras de Rodrigo Cerviño, a concepção do projeto se deu com a prerrogativa inicial de recompor o terreno original (Fig. 2) já que nele havia sido feito um corte vertical abrupto, pois o terreno era usado como depósito de *containers*. Inicialmente, estavam previstas somente duas obras para ocuparem o pavilhão: *Celacanto provoca maremoto* (2004 -2008) e a escultura *Linda do Rosário* (2004). E ainda, a criação, pela artista Adriana Varejão, de uma “sala tridimensional”, um trabalho ainda que estava em estudo e do qual não conseguimos informações.

Figura 2 – Corte longitudinal



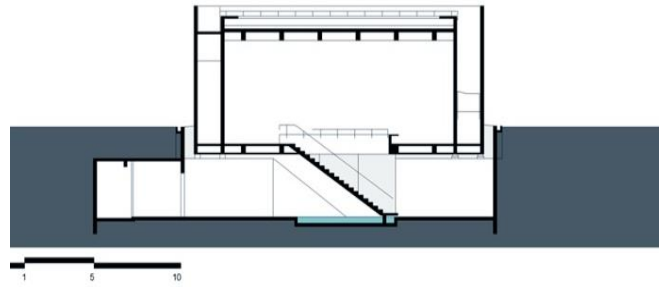
Fonte: www.tacoa.com.br

Posto isto, o arquiteto pensou em um pavimento que tivesse acesso pela cota mais baixa do terreno, que seria ocupado pela “sala tridimensional” e em um primeiro piso^v no qual seriam expostas as duas outras obras:

a ideia era de criar um contraponto aos outros edifícios que no Inhotim não existia até então, porque sempre existia uma relação com a paisagem, que é uma relação de transparência e a vontade era de criar um espaço que fosse, na verdade, o contrário... fosse hermeticamente fechado e de fora fosse totalmente misterioso ao espectador, e que fosse revelado uma vez que você estivesse lá dentro. Esta estratégia pareceu também ser interessante, pois ela teria uma *interface* com o lado barroco do trabalho da Varejão... do volume ser completamente fechado. Então essa é a concepção original. Este foi o primeiro desenho que eu mostrei para a Adriana, um desenho que você tinha um volume hermético, fechado, inserido na paisagem, exatamente como acabou ficando no projeto final (LOPES, 2012)

No desenvolvimento do projeto, Varejão desistiu de executar a “sala tridimensional” e a ocupação do edifício foi repensada da seguinte maneira - para o andar térreo foi criada a tela *O Colecionador* (2008), executada nas medidas exatas para ocupar uma das paredes da sala e a escultura *Linda do Rosário*, foi instalada no centro do ambiente. No primeiro piso (Fig. 3), as quatro paredes foram ocupadas com a obra *Celacanto provoca maremoto*. Posteriormente, algumas obras foram adicionadas, como veremos mais à frente neste trabalho.

Figura 3 – Corte transversal



Fonte: www.tacoa.com.br

Acesso e entrada principal

A Galeria Adriana Varejão encontra-se implanta em área de densa vegetação, camuflada pelo paisagismo, que desvela discretamente o edifício e o seu o acesso principal, um estreito passeio (Fig. 4) como piso em placas de concreto de cor clara. Este acesso é ladeado pelo azulado espelho d'água que nos conduz a uma praça onde se encontra a primeira obra artística: *Panacea phantastica* (2003 - 2008) - um banco revestido de azulejos brancos, pintado com imagens de plantas alucinógenas (Fig. 5). Neste nível do terreno, o espelho d'água invade a entrada para a sala envidraçada onde se dá continuidade à visitação, agora no interior do pavilhão.

Figura 4 – Galeria Adriana Varejão.



Fonte: www.inhotim.org.br

Figura 5 – Galeria Adriana Varejão.



Foto do autor, 2012.

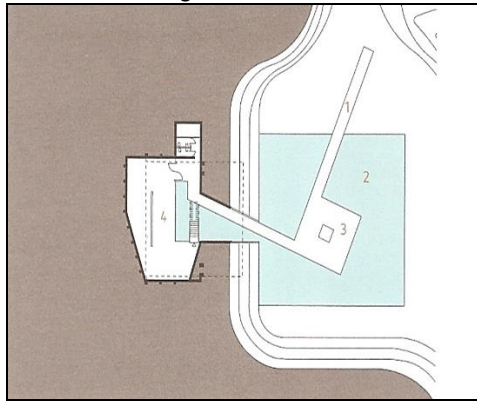
Exposição - Sala 1 (Térreo)

O piso térreo (Fig. 6), que contém uma grande sala e dois banheiros públicos, exhibe paredes em concreto aparente que revelam as vigas e pilares, assim como parte da estrutura de contenção do terreno, estão expostas nesta sala a escultura *Linda do Rosário* (2004) e a grande tela (Fig. 7) *O colecionador* (2008). As obras são iluminadas com a luz natural colhida por clarabóias de vidro, e

instaladas como fechamento superior das paredes laterais recuadas até o limite do terreno.

Observamos que a pintura *O colecionador*, uma das referências ao Barroco, forma quase um *trompe l'oeil*, e se integra ao espaço criando a ilusão da existência de continuidade do espaço expositivo. O óleo sobre tela foi criado sob medida para a parede no qual está instalado.

Figura 6 - Térreo



1. Acesso 2. Espelho d'água 3. Praça
4. Exposição
Fonte: www.tacoa.com.br

Figura 7 - Adriana Varejão. O colecionador



Foto do autor, 2015.

A grande atração deste espaço é a escultura *Linda do Rosário* (Fig. 8). Uma obra de grande força expressiva que materializa uma parede azulejada, confeccionada em pintura a óleo sobre chapas de alumínio, recheada de vísceras, ossos e carne humana (feitos em poliuretano) do seu interior.

Figura 8 - Adriana Varejão. Linda do Rosário



Foto do autor, 2015.

Figura 9 – Adriana Varejão. Carnívoras.



Foto do autor, 2015.

Ainda neste piso, justamente instalada sobre a *Linda do Rosário*, um grande rasgo na laje permite a visão das cinco pinturas (Fig. 9), as *Carnívoras* (2008). Fixadas na laje de cobertura do primeiro piso, exige que o espectador se volte para o alto para poder contemplar ou pelo menos visualizar, em doses rápidas, a série de 5 telas, pintadas nas cores branca e vermelha.

A escada, quase transparente, (Fig. 10) que faz a ligação do térreo com o primeiro piso flutua sobre o espelho d'água e conduz o visitante ao centro da próxima sala de exposição.

Figura 10 – Vista externa da escada

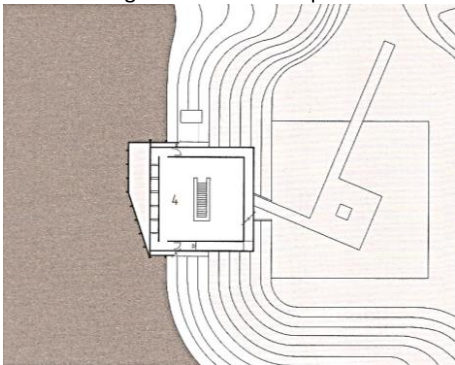


Foto do autor, 2015

Exposição – Sala 2 (Primeiro piso)

A obra *Celacanto provoca maremoto* (2004 – 2008) reveste as quatro paredes (Fig. 12), se fundindo e ampliando o espaço. Segundo LOPES (2012), “ a obra exposta pela primeira vez na Fundação Cartier, em Paris, só possuía uma face e Adriana acrescentou outras três, fazendo com ganhasse nova dimensão e indo mais longe na relação arte – arquitetura” que domina todo o pavilhão. O piso com acabamento em um tipo de resina brilhante evoca novamente a azulejaria. O ambiente é ocupado pelos grandes “azulejos” azuis e brancos que remetem ao barroco mineiro. A laje de forro, pintada de preto adiciona um tom de sobriedade ao espaço.

Figura 11 – Primeiro piso



Fonte: www.tacoa.com.br

4. Sala 2

Figura 12 – Adriana Varejão. Celacanto provoca maremoto



Foto do autor, 2015

Um grande banco, também de concreto, é o único mobiliário do pavilhão e ladeia o guarda-corpo da escada. Aqui a fruição do trabalho é completa. A arquitetura isola a bela paisagem natural do exterior e o silêncio, quase absoluto, só é quebrado pelas exclamações de surpresa de grupos de turistas e estudantes que são violentados visualmente pela beleza impactante da obra de arte.

Deste piso vemos as *Carnívoras* de um novo ponto de vista, diferente da experiência da sala de exposição do térreo. Aqui, podemos ver os detalhes das pinturas, mais próximos das cores e da textura lisa das figuras.

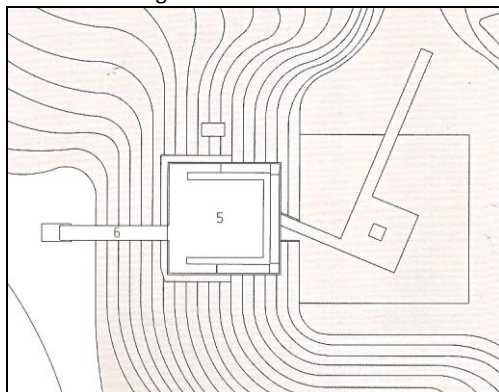
Pela nossa observação, neste ambiente fica evidente a solução de projeto, na altura do pé-direito e nas dimensões das alvenarias, para que a arquitetura acomodasse a imensa instalação formada por 184 telas, de 90 x90 cm, em óleo sobre massa de gesso, que simula azulejos antigos craquelados pela ação do tempo como se pode ver nas paredes dos claustros de antigas igrejas.

Cobertura, terraço e mirante

Uma porta de aço nos abre a passagem para uma rampa que faz a ligação do primeiro piso (sala do *Celacanto*) com a cobertura. A rampa se desenvolve ao redor do perímetro interno da edificação, em um percurso confortável, porém de expectativa quanto ao seu final - a laje de cobertura.

A laje é também o piso, de um amplo terraço circundado pela última obra instalada no pavilhão - um banco de azulejos com dezenas de pássaros pintados, o trabalho (Fig. 14) foi intitulado de *Passarinhos: de Inhotim a Demini* (2003-2008).

Figura 13 – Cobertura



5. Cobertura 6. Passarela (saída)
Fonte:www. tacao. com.br

Figura 14– Adriana Varejão. Passarinhos: de Inhotim a Demini.



Foto do autor, 2015

No terraço, o banco de azulejos (Fig. 14) pintados à mão, parece levitar sobre o piso de grandes tesselas de cimento liso. O mirante é aberto para a deslumbrante paisagem e o visitante está separado dela somente pelo discreto guarda-corpo de metal. A tentação de sentar-se no banco é grande, porém, a presença de uma passarela convida e transporta o público de volta ao parque para prosseguir sua caminhada pelo encontro da arte e da arquitetura do Inhotim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, de acordo com a descrição e análise do projeto, e confrontando com as observações sistematizadas realizadas nas visitas à Galeria Adriana Varejão, concluímos que:

- i) No projeto do pavilhão observamos a coerência entre o discurso do arquiteto e o produto final realizado;
- ii) O projeto de arquitetura se desenvolveu apresentando clareza entre a concepção inicial proposta e a edificação construída;
- iii) No processo de projeto, o efetivo diálogo entre arquiteto e artista, contribuiu e consolidou as estratégias elaboradas durante a fase inicial do trabalho;

Ainda assim, podemos acrescentar algumas particularidades a título de conclusão:

No Inhotim, além do *estrito* diálogo mantido entre artista e arquiteto, o projeto é acompanhado por uma equipe de curadores e paisagistas que colaboram em acordo com o autor do projeto, para que seja obtido o resultado ótimo do projeto, assim como para a sua realização, a obra construída. Na cronologia do Inhotim, o pavilhão projetado pelo arquiteto Rodrigo Cerviño, é considerado como um marco no que se refere à observância da relação arquitetura-arte. Conforme, as palavras do arquiteto, trata-se de um “ projeto *tailored-made*”, ou seja, feito por encomenda, no sentido de satisfazer as necessidades das obras de arte, assim como da instalação das mesmas no espaço expositivo, umas das premissas da arte contemporânea.

6 AGRADECIMENTOS

- Ao Instituto Inhotim pela cessão das imagens das galerias;
- Ao arquiteto Rodrigo Cerviño Lopes pelo depoimento sobre a sua obra
- Ao escritório Tocoa Arquitetura, pela cessão das imagens dos desenhos;
- À profa. Dra. Maísa Veloso pelas orientações, sempre muito precisas;

7 REFERÊNCIAS

LARA, Fernando Luiz. Arquiteturas de minério e ferro. Revista Monolito, no. 4, 2011. São Paulo: Monolito, 2011

LOPES. Rodrigo Cerviño. Entrevista concedida ao autor, em 27/12/ 2012 (via Skype).

[http://: www. inotim.org.br](http://www.inotim.org.br)

ⁱ Informações constantes no sítio da internet do Instituto Inhotim: <http://: www. inotim.org.br>, acesso em 21 de março de 2013.

ⁱⁱ Usamos “galerias” para adotar a nomenclatura utilizada no Inhotim e pavilhão como referimos ao tipo arquitetônico.

ⁱⁱⁱ Instalações são obras que procuram a ocupação do espaço expositivo por meio de esculturas, fotografias, pinturas e vídeo. Podem também fazer uso da associação de diversos processos artísticos numa mesma montagem.

^{iv} As obras artísticas *site specific* são criadas para ocupar exclusivamente o local para onde foram pensadas. Podem ser instaladas em ambientes fechados ou ar livre. Incluem-se as esculturas, pinturas e instalações como obras preferenciais para uso nesta categoria da arte contemporânea.

^v Adotamos neste caso a nomenclatura usada pelo arquiteto autor do projeto.